

JACQUES DERRIDA E A DESCONSTRUÇÃO: UMA INTRODUÇÃO

Neurivaldo Campos Pedroso Junior¹

RESUMO: O artigo apresenta uma introdução à corrente teórica denominada Desconstrução, corrente esta que tem em Jacques Derrida um de seus precursores. A discussão estará centrada na análise de duas obras de Derrida: *A escritura e diferença* e *Gramatologia*, que podem ser entendidas como o marco inicial da Desconstrução. Procuraremos demonstrar que, sob a égide da Desconstrução, coadunam-se questões filosóficas, literárias, políticas e intelectuais que proporcionaram um abalo no pensamento metafísico ocidental, já que ele se apoiava, muitas vezes, em relações binárias para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro. Destacaremos que a reflexão empreendida por Jacques Derrida apresenta-se como um incessante trabalho de investigação que coloca sob suspeita os discursos da Filosofia e das Ciências Humanas, da Literatura e da História, da Fenomenologia e da Psicanálise, ao questionar, inclusive, o próprio conceito clássico de ciência. Textos de Husserl, Heidegger, Levinas e, também, de Mallarmé, Artaud, Joyce, Bataille, ou, ainda, de Saussure, Freud e Lacan serão "desconstruídos" por Derrida.

ABSTRACT: This article presents an introduction to the theoretical current called Deconstruction, current that has in Jacques Derrida one of the precursor. The discussion will be centered in the analyze of two works of Derrida: *A escritura e a diferença* e *Gramatologia*, that may be understood as the initial mark of the Deconstruction. We will seek to demonstrate that under the Deconstruction lay philosophical, literary, politics and intellectual questions that provide a concussion in the occidental metaphysical thought, considering that this was supported, most of the times, in the binaries relations to establish an hierarchy or supremacy of one term over another. We will detach that the reflection made by Jacques Derrida is presented as a continuous work of investigation that puts under suspicious the discourses of Philosophy and Human Sciences, of Literature and History, of Phenomenology and Psychoanalyses, to question, mainly, the classical concept of Science. Texts of Husserl, Heidegger, Levinas and, also, of Mallarmé, Artaud, Joyce, Bataille, or, Saussure, Freud and Lacan will be "deconstructed" by Derrida.

Comecemos com uma citação:

A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com um mal de arquivo (*en mal d'archive*). Escutando o idioma francês e nele, o atributo de "*en mal de*", *estar com mal de arquivo*, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome 'mal' poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Assessor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Dourados – SEMED.

ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiza. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto (Derrida, 2001, p.118)

O gesto de retomar as palavras de Jacques Derrida acerca daquilo a que poderíamos chamar de um "mal de arquivo" é significativo no âmbito deste artigo, pois, ser possuído pelo mal de arquivo é, entre outras coisas, ter o desejo de retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Assim, pretendemos retornar ao começo, ou seja, a dois textos de Derrida, *A escritura e a diferença* e *Gramatologia*, cujas leituras são, sob nosso ponto de vista, produtivas e significativas para todos aqueles que pretendem conhecer a corrente teórico-crítica denominada de Desconstrução (ou Desconstrutivismo, como sugerem alguns críticos). Na verdade, ao situarmos o ponto de partida de nossa leitura naqueles dois livros, o fazemos em consonância com a advertência de Jacques Derrida que, em entrevista intitulada "Implicações", concedida a Henri Rose e publicada em *Posições*, observará que aqueles dois textos/livros apresentam-se como a porta de entrada ao trabalho derridiano, já que poderemos ver o *Gramatologia* como um longo ensaio, no meio do qual poderia ser incluído *A escritura e a diferença*. Ou, inversamente,

[...] pode-se inserir a *Gramatologia* no meio d'*A escritura e a diferença*, uma vez que seis dos textos dessa obra são anteriores, de fato e de direito, à publicação, há dois anos, em *Critique*, dos artigos que anunciam a *Gramatologia*. os cinco últimos, a partir de 'Freud e a cena da escritura', estão envolvidos na abertura gramatológica (DERRIDA, 2001, p.10)

Assim, sob a égide da Desconstrução, coadunam-se questões filosóficas, literárias, políticas e intelectuais que proporcionaram um abalo no pensamento metafísico ocidental, já que este se apoiava, muitas vezes, nas relações binárias para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro. Diante disso, podemos afirmar que o trabalho empreendido por Jacques Derrida e que recebeu, muitas vezes, o título de Desconstrução, vai muito além da Filosofia e da Literatura. É um incessante trabalho de investigação que coloca sob suspeita os discursos da Filosofia e das Ciências Humanas, da Literatura e da História, da Fenomenologia e da Psicanálise, ao questionar, inclusive, o próprio conceito clássico de ciência. Nesse sentido, "textos" de Husserl, Heidegger, Levinas e, também, de Mallarmé, Artaud, Joyce, Bataille, ou, ainda, de Saussure, Freud e Lacan serão "desconstruídos" por Derrida.

Logo, a Desconstrução é comumente entendida como uma corrente teórica que pretendia minar as correntes hierárquicas sustentadoras do pensamento ocidental, tais como, dentro/fora; corpo/mente; fala/escrita; presença/ausência; natureza/cultura; forma/sentido. Podemos recorrer a Derrida, novamente, quando, ao refletir acerca das relações hierárquicas

do pensamento metafísico ocidental, registra a necessidade de se "inverter" essas mesmas hierarquias, pois,

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um *face a face*, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (DERRIDA, 2001, p.48)

Derrida pontua inclusive que operar essa inversão, ou essa fase de inversão, "significa ainda operar no terreno e no interior do sistema desconstruído", assim, ao procurar decompor os discursos com os quais opera, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades, suas contradições, a Desconstrução se apresentará como um trabalho *no interior* dos discursos sustentadores do pensamento metafísico ocidental, já que esta seria, então, a melhor forma de abordá-los, desestabilizá-los e, por conseguinte, ampliar seus limites ou limiares. Diante disso, não nos causará estranhamento que a Desconstrução, ao interrogar incansavelmente os diferentes discursos que pretende decompor, operará, muitas vezes, no terreno da ambivalência, da duplicidade e da dubiedade, pois não incorrerá em reducionismo diante das oposições binárias com as quais a metafísica ocidental está acostumada a operar, sobretudo se considerarmos que será frequente, nos trabalhos desconstrutivistas empreendidos por Jacques Derrida e seus seguidores, o emprego de termos como "nem um nem outro", "ao mesmo tempo", "por um lado. . . por outro...", longe de se apresentarem como sinônimos de indecisão e/ou imprecisão, o que o emprego desses termos coloca em destaque é a necessidade de se pensar as oposições dialéticas numa oposição horizontal e paritária, não em escalas hierárquicas, como a metafísica o fazia. Ou, o que se pode e se deve fazer é

[...] marcar o afastamento entre, de um lado, a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante e idealizante da oposição em questão e, de outro, a emergência repentina de um novo 'conceito', um conceito que não se deixa mais - que nunca se deixou - compreender no regime anterior (DERRIDA, 2001, pp.48-49)

Com a atenção voltada às palavras de Derrida, podemos afirmar que a Desconstrução causou um forte impacto no pensamento metafísico ocidental, ao proporcionar questionamentos, deslocamentos, re-alocações de conceitos que eram considerados canônicos. O redimensionamento desses conceitos resultou, então, em um abalo na hegemonia dos discursos (de toda ordem), já que qualquer discurso que visasse à verdade era colocado na berlinda. Dessa forma, podemos pensar com Jonathan Culler, quando observa que:

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apóiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de *desconstrução* que busca desmantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (Culler, 1999, p.122).

Ou ainda, podemos recorrer ao livro *De que amanhã... diálogo*, publicado por Jacques Derrida e Elizabeth Roudinesco, no qual encontramos a seguinte explicação fornecida pela psicanalista francesa sobre a Desconstrução:

Utilizado pela primeira vez por Jacques Derrida em 1967 na *Gramatologia*, o termo 'desconstrução' foi tomado da arquitetura. Significa a deposição decomposição de uma estrutura. Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente ('isso se desconstrói'), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do *logos*, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.9).

As palavras tanto de Culler quanto de Roudinesco procuram esclarecer as estratégias teóricas e sistemáticas que envolvem o trabalho da Desconstrução, ou seja, ambos atentam para o fato de que "desconstrução" não pode ser tomada como sinônimo de destruição, o que há nesse trabalho, na verdade, é um procedimento de questionamento, de decomposição e de reorganização dos discursos até então empreendidos pela metafísica ocidental. Com isso,

Um dos pontos chaves da estratégia desconstrutivista tem sido a de interrogar sem piedade as oposições binárias com que nos acostumamos a raciocinar. Estamos nos referindo aos pares de termos como natureza/cultura, realidade/aparência, causa/efeito, língua/fala, fala/escrita, significante/significado, homem/mulher e por aí vai (RAJAGOPALAN, 2000, p.121).

Se considerarmos, então, que essas oposições binárias eram oriundas da filosofia ocidental, não nos causará estranhamento, diante disso, que Jacques Derrida traga para o plano de suas reflexões, filósofos e pensadores, que vão desde Platão a Hegel, além do próprio Freud, entre outros, ou seja, a Desconstrução procurará subverter a tradição metafísica ocidental, considerada logocêntrica e dominadora. O capítulo de *Gramatologia* dedicado a Lévi-Strauss representa um momento da tentativa de desconstrução do logocentrismo, já que nele, "Derrida assinala que o texto de Lévi-Strauss é como um *sintoma* (assim como os textos de Rousseau e de Saussure) de uma certa história do pensamento metapsíquico ocidental " (JOHNSON, 1996, p.131. Tradução nossa).

Ainda na esteira da tentativa de desconstrução do logocentrismo, podemos observar que tal atitude pode ser melhor exemplificada pela leitura e análise de *Gramatologia* (1963), quando Derrida centra-se na oposição fala/escrita para erigir um combate ao logocentrismo. Citamos a reflexão derridiana, já que ela é elucidativa da crítica feita ao logocentrismo:

Todas as determinações metafísicas da verdade, e até mesmo a que nos recorda Heidegger para além da onto-teologia metafísica, são mais ou menos imediatamente inseparáveis da instância do *logos* ou de uma razão pensada na descendência do *logos*, em qualquer sentido que seja entendida: no sentido pré-socrático ou no sentido filosófico, no sentido do entendimento infinito de Deus ou no sentido antropológico, no sentido pré-hegeliano ou no sentido pós-hegeliano. Ora, dentro deste *logos*, nunca foi rompido o liame originário e essencial com a *phoné*. [...] Tal como foi mais ou menos implicitamente determinada, a essência da *phoné* estaria imediatamente próxima daquilo que, no 'pensamento' como *logos*, tem relação com o 'sentido'; daquilo que o produz, que o recebe, que o diz, que o "reúne" (DERRIDA, 2004, p.13).

Derrida continua suas reflexões acerca da *phoné* e registra a importância dela, destacando que, desde Aristóteles, a voz tem sido considerada como produtora dos *primeiros símbolos* e teria, então, com a alma uma relação de proximidade maior, mais essencial e imediata que a escritura. Disso decorreria o rebaixamento ao qual foi confinada a escritura pela filosofia ocidental. Ainda nesse mesmo capítulo de *Gramatologia*, intitulado "O fim do livro e o começo da escritura", o teórico francês registra o fato de que, ao ser constituída como produtora do primeiro significante, a fala não seria apenas um mero significante entre outros, já que ela corporifica o "estado de alma", que, por sua vez, reflete as coisas por semelhança natural. Assim,

Entre o ser e a alma, as coisas e as afeções, haveria uma relação de tradução ou de significação natural; entre a alma e o *logos*, uma relação de simbolização convencional. E a *primeira* convenção, a que se referiria imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, que ligariam entre si outras convenções (DERRIDA, 2004, p.13)

Se nos valemos da reflexão derridiana citada acima, é porque ela instaurará um longo processo de discussão e re-valorização da escritura, do qual o próprio título do livro é significativo exemplo, pois, a "Gramatologia", não é apenas uma tentativa de reabilitar aquilo que sempre se chamou de "escrita", nem mesmo a tentativa exclusiva de se restituir seus direitos, na verdade, o que o termo "Gramatologia"

[...] é o título de uma questão: sobre a necessidade de uma ciência da escrita, sobre suas condições de possibilidade, sobre o trabalho crítico que deveria

abrir seu campo e levantar os obstáculos epistemológicos; mas uma questão também sobre os limites dessa ciência. E esses limites [...] são também os da noção clássica de ciência, cujos projetos, cujos conceitos, cujas normas, estão fundamentalmente e sistematicamente ligados à metafísica (DERRIDA, 2001, p.19-20).

Assim, quando anunciamos, no início deste artigo, que nos voltariamos tanto à *Gramatologia* quanto à *A escritura e a diferença*, é porque em ambas aparecem conceitos que Derrida ampliará no decorrer de toda a sua obra. O questionamento acerca da noção clássica de ciência, presente naquele primeiro livro, será, também, abordado pelo teórico francês em um outro texto, mas não só nele, intitulado *La double séance* ou *double science*: a dupla ciência, a ciência que não é só ciência, mas que se abre para um processo de deslocamentos de margens entre os campos e saberes (artísticos, científicos e filosóficos), instaurando, assim, um espaço reflexivo híbrido, no qual, haverá o tangenciamento, a interlocução e a contaminação, entre, por exemplo, Filosofia e Literatura. É o que acontece, por exemplo, com a leitura que Derrida empreende em *La double séance*, do texto de Mallarmé, ou seja, o teórico francês procurará destacar que há, tanto no texto da História da Filosofia quanto no texto dito literário,

[...] unidades de simulacro, 'falsas' propriedades verbais, nominais ou semântica, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, mas, *sem nunca* constituir um terceiro termo, sem nunca dar lugar a uma solução na forma dialética especulativa (DERRIDA, 2001, p.49).

Assim, o que essas "unidades" trazem à cena da discussão é, novamente, a questão da dubiedade, da ambivalência e da duplicidade, pensemos, por exemplo, na imagem do *phármakon*, muito bem explorada por Derrida em *A farmácia de Platão*, ou seja, o *phármakon* não é nem só o remédio nem só o veneno, nem só o bem nem só o mal, "o *phármakon* seria uma substância, com tudo o que essa palavra pode conotar, no que diz respeito a sua matéria, de virtudes ocultas, de profundidade críptica recusando sua ambivalência à análise" (DERRIDA, 2005, p.14). Com base nesse raciocínio, podemos registrar que, em Derrida ou para Derrida, as verdades absolutas com as quais a metafísica está habituada a operar e os termos e expressões utilizados para legitimar tais verdades darse-ão a ler sempre por um duplo viés, mas o duplo, aqui, não implica a noção de escolha de "ou um ou outro", mas, sim, de concomitância ou simultaneidade, como bem constatamos nas observações abaixo:

Le mot 'entre' n'a aucun sens plein en lui-même. [...] Ce qui vaut pour 'hymen' vaut, *mutatis mutandis*, pour tous les signes qui, comme *pharmakon*, *supplément*, *différance* et quelques autres, ont une valeur double, contradictoire, indécidable qui tient toujours à leur syntaxe, qu'elle soit en quelque sorte 'intérieure', articulant et combinant sous le même joug, *uph'en*, incompatibles, ou qu'elle soit "extérieure", dépendant du code dans lequel on fait travailler le mot. [...] ils marquent les points de ce qui ne se laisse jamais médiatiser, maîtriser, relever, dialectiser par *Erinnerung*

et *Aufhebung*. Est-ce par hasard que tous ces effets de jeu, ces 'mots' qui échappent à la maîtrise philosophique, ont, dans des contextes historiques fort différents, un rapport très singulier à l'écriture? (DERRIDA, 1972, p.250).

Nesse sentido, torna-se oportuno reconhecer que, apesar de ter nascido na área filosófica, a Desconstrução não é exclusivamente *filosófica*, menos ainda, se entendermos a Filosofia no seu sentido tradicional. Para além da Filosofia, podemos observar que a Desconstrução apresenta-se como uma prática de leitura crítica, seja essa leitura de textos filosóficos, seja de textos literários. Podemos fazer alusão, por exemplo, às palavras de Jonathan Culler, para quem "a desconstrução tem sido variadamente apresentada como uma posição filosófica, uma estratégia política ou intelectual e um modo de leitura" (CULLER, 1997, p.99).

Na verdade, se recorrermos a algumas entrevistas dadas por Jacques Derrida, constataremos o quanto a Literatura era muito cara a ele. Em entrevista concedida a Rogério da Costa, ao falar sobre seus livros *Gramatologia* e *A escritura e a diferença*, Derrida assim se posiciona:

O que me conduziu a esses ensaios é uma história na qual se cruzam dois caminhos. Um primeiro que recupera de algum modo o que foi desde a origem e que permanece meu desejo dominante: a escritura literária: a literatura. Esse desejo pela literatura sempre foi, por um lado, impedido, reprimido em mim por razões que tento analisar; por outro lado, ele se satisfaz por caminhos indiretos, mas em todo caso foi suspenso, diferido todo o tempo de uma formação filosófica que me envolveu com filósofos que não estavam ligados à literatura, como Husserl, por exemplo, Heidegger de um outro modo (COSTA, 1993, p.20)

Mais adiante, na mesma entrevista, Derrida observa que, ao se voltar aos textos filosóficos, ele o fazia com o propósito de responder a perguntas tais como, O que é escritura em geral? O que se faz quando se escreve?, mas esses questionamentos buscavam recuperar uma outra inquietação: o que é a escritura literária? Ou ainda, nas palavras de Derrida, novamente:

Dito de outro modo, a questão do estatuto do objeto escrito em geral e a questão do texto literário, da instituição literária, da cena literária, cruzaram-se desde o início, razão pela qual na Gramatologia, que é um livro teórico sobre a história e o conceito de escritura e também sobre o exemplo de Rousseau, e na A escritura e a diferença, eu creio que se encontram constantemente essas duas filiações, ou antes, esses dois fios ligados, aquele da escritura e aquele da escritura literária (Costa, 1993, p.21).

As citações acima tornam-se pertinentes na medida em que nos ajudam a ver o trabalho derridiano para além da sua relação com a Filosofia, ou melhor, ajuda-nos a ver o que o trabalho

de Derrida, apesar de sua íntima relação com a Filosofia, guarda, inclusive, uma preocupação e um interesse pela Literatura. Em *Margens da Filosofia*, Jacques Derrida já havia registrado a necessidade de se pensar o texto filosófico, inclusive, por meio de sua vertente literária, ou melhor, Derrida pontua a necessidade de se pensar o texto filosófico como um "gênero literário particular".

Uma tarefa então é prescrita: estudar o texto filosófico na sua estrutura formal, na sua organização retórica, na sua especificidade e diversidades de seus tipos textuais, nos seus modelos de exposição e produção - para além daquilo que outrora se chamava os gêneros - no espaço também das suas encenações e numa sintaxe que não seja apenas a articulação dos seus significados, das suas referências ao ser ou à verdade, mas a ordenação de seus processos e de tudo o que aí se investiu. Em suma, considerar também a filosofia como 'um gênero literário particular' (DERRIDA, 1991, p.334).

Mas, o inverso também é possível e necessário. Pensar o texto literário na sua vertente filosófica. Isso é, na verdade, o que Derrida faz quando se volta a Mallarmé, Valéry, Artaud, Bataille, entre outros. O texto de Mallarmé, só para citarmos um exemplo, "fala de dentro da filosofia, pois dialoga intimamente com o legado de Platão e Hegel, mas também e ao mesmo tempo, de fora dela, pois se coloca em sua margem, à margem de um pensamento de verdade" (GLENADEL, 2000, p.192). Assim, na análise ou por meio da análise de textos literários, buscar-se-á construir uma crítica que, ao questionar os seus próprios pressupostos e estendê-los a todos os outros discursos, possa ser empregada *na* e *para* a desconstrução do discurso filosófico ocidental, é por isso que podemos afirmar, com Evelina Hoisel, que "além de atuar sobre a noção de literatura, deslocando suas fronteiras e instalando outros limiares interpretativos, o projeto de desconstrução de Jacques Derrida tem um impacto sobre vários conceitos críticos, através do rompimento de hierarquias filosóficas subjacentes" (HOISEL, 1999, pp.45-46). Diante disso, não é de se espantar que os preceitos da Desconstrução tornem-se de interesse da Teoria e Crítica literárias, ou, de acordo com Leyla Perrone-Moisés,

A contribuição da desconstrução para a crítica literária foi uma fundamentação filosófica mais rigorosa, que resultou no aguçamento do senso crítico com relação aos textos, no afinamento dos instrumentos de leitura, e no estímulo à criatividade escritural (PERRONE-MOISÉS, 2000, p.306).

Se pensarmos na desconstrução inserida no *espaço* da Literatura, veremos que ela foi e continua sendo, em alguns casos, confundida com o Pós-Estruturalismo, ou, pelo menos, inserida no âmbito dessa corrente teórica literária. É, por exemplo, o que faz Terry Eagleton, em *Teoria da Literatura: uma introdução*, quando, no capítulo dedicado ao Pós-Estruturalismo, proporcionará, ao mesmo, uma discussão mais ampla acerca da Desconstrução, além de abordar a difusão dela em solo anglo-americano. Mas, devemos fazer uma observação aqui e registrar que, apesar do prefixo "pós" de "pós-estruturalismo", este aconteceu ao mesmo tempo em que o estruturalismo e foi, na verdade, uma forma de questionar algumas ideias estruturalistas que ainda apresentavam lacunas, ou seja, "o pósestruturalismo,

portanto, não veio cronologicamente depois do estruturalismo, mas no mesmo momento em que este triunfava, na França e alhures. Em plena euforia estruturalista, Derrida anunciava seu fim" (PERRONE-MOISÉS, 2005, p.97).

O golpe que Derrida desfere contra a corrente estruturalista é exemplificado pelo texto "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas", pronunciado, inicialmente, em 1966, no Colóquio Internacional da Universidade Johns Hopkins, intitulado "The Language of Criticism and the Sciences of Man", no qual, entre outras coisas, Derrida criticava o "desengajamento crítico da análise estrutural", entre outras coisas, Derrida reconhece, por exemplo, que o conceito e a palavra estrutura têm a mesma idade da *episteme*, ou seja, "ao mesmo tempo da ciência e da filosofia ocidentais, e que mergulham suas raízes no solo da linguagem comum, no fundo do qual a *episteme* vai reconhecê-los para os trazer a si num deslocamento metafórico" (DERRIDA, 2002, p.230).

Diante disso, o que o teórico francês proporá é que se ameace "*metodologicamente a estrutura para melhor percebê-la*", com isso, vemos, sobretudo em *A escritura e a diferença*, toda uma série de textos nos quais Derrida se volta para a questão da estrutura, circunscrita aos mais diferentes campos. Tal atitude será empregada com o propósito de se rediscutir e redimensionar a noção de estrutura sobre a qual se erigiam todos os estudos estruturalistas, de Saussure, Lacan, Lévi-Strauss, entre outros. A lucidez teórica derridiana o levará a afirmar, em plena efervescência estruturalista, "como vivemos da fecundidade estruturalista, é demasiado cedo para chicotear nosso sonho" (DERRIDA, 2002, p.14). Mas, apesar disso, Derrida o faz. Ou, como ele bem demonstra a Elizabeth Roudinesco, ao dizer que começara a escrever em plena efervescência estruturalista, quando este não era apenas um "pensamento sistemático, mas um novo pensamento do sistema", com os trabalhos de Lévi-Strauss e Lacan tão em voga. Mas, mesmo diante dessa tendência ou "moda", Derrida sentiu

[...] a fecundidade e a legitimidade daquele gesto, naquele momento, em resposta a empirismos, positivismos ou a outros 'obstáculos' epistemológicos, como se dizia com certa frequência. Mas nem por isso deixava de perceber o preço a ser pago, ou seja, uma certa ingenuidade, a repetição algo jubilatória de certos gestos filosóficos, a submissão algo sonambúlica a uma história da metafísica da qual estava dedicado a decifrar o programa, as combinatórias (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.15).

Assim, Jacques Derrida procurará discernir o que o programa estruturalista apresentava de esterelizante, ou, de precipitado e dogmático, pois, a investigação acerca da noção de estrutura, por exemplo, longe de se apresentar apenas como uma tentativa de abalar as seguranças logocêntricas e etnocêntricas, pretende, na verdade, produzir novas configurações para elas, ou ainda, não se trata apenas de uma crítica à metafísica ocidental, com o propósito de destruição, de apagamento ou de esquecimento, pois, "não tem nenhum *sentido* abandonar

os conceitos da metafísica para abalar a metafísica”, uma vez que, ainda de acordo com Derrida,

[...] não dispomos de nenhuma linguagem – de nenhuma sintaxe e de nenhum léxico – que seja estranho a essa história; não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar (DERRIDA, 2002, p.233).

Derrida reconhece, por exemplo, que o gesto de se produzir o descentramento como pensamento da estruturalidade da estrutura (e retomaremos a questão do abalo da noção de centro mais adiante), e com isso e por isso, promover toda uma rediscussão, um redimensionamento e uma re-configuração da *estrutura* no pensamento moderno, esse gesto ou essa atitude pode ser atrelada a alguns nomes, dentre eles, podem ser citados Nietzsche, Freud e Heidegger.

Com base nesse raciocínio, Derrida registrará a dívida assumida pelo estruturalismo, direta ou indiretamente, à fenomenologia e à tradicionalidade da filosofia ocidental. Assim, em "Gênese e estrutura e a fenomenologia", há uma ampla discussão acerca da relação entre estruturalismo, fenomenologia e filosofia, a partir das noções de Gênese e Estrutura, com base no trabalho de Husserl. A escolha desse pensador impõe-se a Derrida com maior intensidade, é porque o estilo do pensamento husserliano é “mais atento à historicidade do sentido, à possibilidade do seu devir, mais respeitador daquilo que, na estrutura permanece aberto” (DERRIDA, 2002, p.84), o significativo dessa prática é que “a estruturalidade da abertura (da estrutura) é talvez o lugar insituável em que a filosofia se enraíza. Em especial quando diz e descreve estruturas” (DERRIDA, 2002, p.84).

Com a atenção voltada à estruturalidade da estrutura, Jacques Derrida registrará, então, que havia se tornado lugar comum atribuir um centro à estrutura, que servia para "orientar, equilibrar, organizar a estrutura". Entretanto, essa idéia de estrutura centrada é combatida por Derrida, já que para ele "o conceito de estrutura centrada - embora represente a própria coerência, a condição da *episteme* como filosofia ou como ciência - é contraditoriamente coerente" (DERRIDA, 2002, p.230). Mais adiante, no mesmo texto, o crítico francês observará que o centro

[...] não era um lugar fixo mas uma função, uma espécie de não-lugar no qual se faziam indefinidamente substituições de signos. Foi então o momento em que a linguagem invadiu o campo problemático universal; foi então o momento em que, na ausência de centro ou de origem, tudo se torna discurso - com a condição de nos entendermos sobre essa palavra - isto é, sistema no qual o significado central, originário ou transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças (DERRIDA, 2002, p.232).

Com isso, Derrida acaba abalando a dominação do centro, concedendo às margens um lugar de destaque. Na verdade, podemos observar, tendo a atenção voltada para o fragmento acima, que Derrida chama de "diferenças" as "margens". No plano da Literatura, começam a emergir essas "diferenças" ou essas "margens", sejam elas as formas não canônicas da Literatura ou as expressões particulares de literaturas antes marginalizadas por situação geográfica ou por opressão ideológica. Dentro dessa idéia de abalo do centro em detrimento das "diferenças", podemos pensar, por exemplo, que a Desconstrução abriu espaço para que se realizassem os estudos de literatura emergentes ou de grupos minoritários, algo que contribuiu, ainda, para o grande êxito dos Estudos Culturais. Isso significou uma abertura revolucionária nos estudos literários, como ideologia democrática e não preconceituosa.

Vemos, então, que a Desconstrução proporcionou significativos abalos no interior das Ciências Humanas e, por conseguinte, no interior dos discursos sobre a Literatura, ao promover a decomposição e re-configuração desses mesmos discursos, *de dentro e de fora*, detonando, assim, a tranquilidade dos discursos heteróclitos. Logo, podemos aprender *com* Derrida, a "recolocar, a cada vez, tudo em jogo, de acabar para recomeçar, de acabar por recomeçar. Não no sentido de esquecer o já sabido, de reinventar o mesmo, mas de se colocar a tarefa de redefinir as tonalidades do acontecimento" (SISCAR, 2005, p.141). E essa atitude nós podemos assumir diante da fenomenologia, da psicanálise, da filosofia, dos estudos culturais, da teoria literária e, inclusive, diante da Desconstrução.

Referências

BARTHES, Roland. **Oeuvres Complètes**. Tome III: 1966 - 1973. Paris: Editions du Seuil, 1994.

BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. **Jacques Derrida**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

COSTA, Rogério da (Org.). **Limiares do Contemporâneo**: entrevista. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

CULLER, Jonathan. **Sobre a Desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

_____. **Teoria Literária**: uma introdução. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

_____. **A Voz e o Fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Costa, António M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **La Dissémination**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

GLENADEL, Paula. Derrida e os Poetas: de margens e marcas. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (Orgs.). **Em Torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

HOISEL, Evelina. A Disseminação dos Limiares nos Discursos da Contemporaneidade. In: CARVALHAL, Tania Franco (Coord.). **Culturas, Contextos e Discursos: limiares críticos no comparatismo**. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 1999.

JOHNSON, Christopher. La Leçon de Philosophie. In: DERRIDA, Jacques [et al.]. **Passions de la Littérature**. Paris: Galilée, 1996.

PERRONE-MOISÉS. Aquele que Desprende a Ponta da Cadeia. In: NASCIMENTO, Evando (Org.). **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. O efeito Derrida. In: **Inútil Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Ética da Desconstrução. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (Orgs.). **Em Torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

SISCAR, Marcos. O Coração Transtornado. In: NASCIMENTO, Evando (Org.). **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.